

Excursão sobre a Criação da Vida e a Diversidade Biológica (Parte 7): A Interpretação da Estrutura Literária e a Interpretação da Criação Funcional

Seção 09 / Aula 07

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 19/04/2026, 10:00:06 (horário de São Paulo)

Aula original: March 6, 2019

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 09](#)

Transcrição conforme a legenda em português do vídeo. Revisão: 22/10/2026.

Aula e desenvolvimento

Hoje nos voltamos para uma nova interpretação de Gênesis capítulo 1 que é chamada de interpretação da estrutura literária. A visão da estrutura literária foi muito competentemente explicada e defendida pelo estudioso bíblico francês Henri Blocher em seu livro *In the Beginning*. Segundo essa visão, o autor de Gênesis não está interessado em cronologia. Ele não está tentando relatar um dia após o outro de modo cronológico. Antes, os dias servem como uma espécie de estrutura literária na qual ele pendura seu relato da criação. Ele quer descrever como Deus cria toda a vida, todo o mundo, e ele usa a estrutura de uma semana de seis dias como uma estrutura literária na qual pendura seu relato. Mas ele não pretende que essa semana de seis dias seja tomada literalmente de modo cronológico.

Ora, desde a Idade Média, comentaristas têm notado que parece haver uma espécie de paralelismo entre os dias 1 a 3 e os dias 4 a 6. Blocher sustenta que nos primeiros três dias Deus cria o domínio (ou o espaço) para certa coisa habitar, e então nos segundos três dias ele cria os ocupantes daquele espaço ou domínio. Assim, por exemplo, no dia 1 ele cria dia e noite, e então no dia 4 ele cria o sol, a lua, e as estrelas. No dia 2 ele cria o firmamento que separa as águas de cima das águas de baixo. Correspondendo a isso está o dia 5, quando ele cria as criaturas marinhas que viverão nas águas de baixo e as aves que voarão no céu acima. E então, no dia 3, temos a criação da terra seca bem como da vegetação, e paralelo a isso está o dia 6 no qual Deus cria os animais terrestres e finalmente o homem.

Assim, 1 e 4 estão correlacionados, 2 e 5 estão correlacionados, e 3 e 6 estão correlacionados. Observe que nos dias 3 e 6 você também tem um paralelo em que você tem uma dupla criação nesses dias. No 3 você tem tanto a terra seca quanto a vegetação criadas por Deus, e no dia 6 você tem tanto os animais terrestres bem como o homem criados no dia 6. Assim, a ideia da hipótese da estrutura literária é que os primeiros três dias descrevem os habitats ou os domínios, e então nos segundos três dias ele descreve os habitantes ou os ocupantes desses domínios. Assim, o relato da criação não pretende ser cronológico. É temático. A semana da criação é uma espécie de estrutura temática ou literária na qual ele pendura um relato não cronológico da criação.

Avaliação da estrutura literária

O que poderia ser dito a título de crítica dessa interpretação? Bem, penso que temos de admitir que esta é uma visão extremamente interessante que merece consideração cuidadosa. Mas tenho de confessar ser cético quanto ao alegado paralelismo entre os dias 1 a 3 e os dias 4 a 6. Uma leitura mais atenta do texto parece revelar que estes não são, de fato, exatamente paralelos. Por exemplo, ao que corresponde Deus criar o sol, a lua e as estrelas no dia 4? Não é à separação de dia e noite. É à criação do firmamento no dia 2. No dia 2, Deus cria o firmamento. No dia 4 ele coloca o sol, a lua e as estrelas no firmamento. A conexão literária ou verbal entre os dois é indiscutível. Assim, na verdade, o 4 descreve os habitantes do domínio criado no dia 2, a saber, o firmamento.

Além disso, ao que corresponde a criação das criaturas marinhas no dia 5? Bem, novamente, não são as águas de cima e as águas de baixo. É a criação dos mares no dia 3. Agora, reconhecidamente, há águas acima e águas abaixo que são separadas no dia 2, mas as águas de baixo não são ajuntadas em mares até o dia 3 quando a terra seca aparece e a água então se junta em mares, e é nos mares que as criaturas marinhas são criadas. Portanto, isso é novamente o paralelo entre o domínio e o habitante daquele domínio. Finalmente, no dia 3 temos Deus criando não somente a terra seca mas também a vegetação que parece ser o habitante da terra seca. Ambos são criados no mesmo dia. Penso que seria realmente forçar a barra dizer que a vegetação é o domínio que é habitado por animais e pelo homem.

Parece-me que esse paralelismo que foi construído não é algo que realmente esteja lá no texto mas, antes, é imposto ao texto pela mente do intérprete. Felizmente, não penso que a interpretação da estrutura literária se sustente ou caia com o fato de vermos a estrutura em termos de paralelismo de domínios e habitantes. Quando chegarmos à interpretação da criação funcional veremos outra opção para entender a correlação entre os dias, mas não parece que a interpretação de Blocher seja uma que faça justiça ao texto. Não obstante, penso, sim, que a ideia de uma estrutura literária é interessante e merece consideração. Além disso, não estou convencido de que a cronologia na narrativa não deva ser levada a sério.

A cronologia, na visão da estrutura literária, é sem sentido, mas seguramente a ideia de numerar os dias consecutivos com números ordinais (2º, 3º, 4º, 5º) e a progressão de desolação e ausência de vida até a vida (plantas, animais e, então, finalmente o homem) realmente parecem sugerir cronologia. Parece haver aqui um desenvolvimento temporal. Penso que é difícil resistir à impressão de que a narrativa pretende retratar uma progressão temporal que finalmente termina com o descanso de Deus da obra da criação no sétimo e último dia. Blocher admite que a criação ao longo de um período de tempo é um motivo comum nos mitos antigos de criação, então por que pensar que o motivo aqui é não cronológico? O mero paralelismo entre os dias não basta para refutar qualquer interesse em cronologia por parte do autor.

Assim, por essas duas razões, eu me vejo bastante cético quanto à hipótese da estrutura literária.

Perguntas sobre paralelos e interpretação

Algum comentário sobre essa hipótese?

Aluno: [Inaudível]

Dr. Craig: Vamos explicar os termos aqui caso as pessoas não tenham ouvido o que foi perguntado. Ele disse: Isto é um exemplo de exegese ou eisegese? Ora, o que isso significa? Bem, ex significa “para fora de” e assim isto seria tirar o significado do texto para fora do texto. “Eis” é a palavra grega que significa “para dentro” e assim a prática da eisegese seria ler coisas para dentro do texto. Às vezes chamamos isso de ler nas entrelinhas. A pergunta aqui é: a visão da estrutura literária de Blocher é um exemplo de eisegese? Eu disse que não quero ser injusto. Não é como se a visão fosse indefensável. É só que não estou persuadido de que esses paralelos realmente existam. Nesse caso, realmente me parece que alguém está lendo o paralelismo para dentro do texto e que ele na verdade não é encontrado ali.

Por exemplo, dia e noite não são os domínios ou o espaço que é habitado pelo sol, pela lua e pelas estrelas. Eles estão na expansão ou no firmamento, e assim essa correlação simplesmente não parece existir. E a vegetação não é um espaço ou um domínio. É isso que você esperaria que estivesse aqui. Se eu estivesse fazendo um paralelo, eu diria que ele criou a terra seca então aqui ele criou a vegetação para habitar a terra seca. Mas não é assim que é. Portanto, eu realmente penso que há aqui um tipo de leitura para dentro do texto.

Aluno: Embora eu discorde da visão da estrutura porque penso que os dias são literais em vez de metafóricos, como uma maneira de apoiá-la, o dia 4 de fato usa terminologia do dia 1 quando diz que o propósito das luzes é para fazer separação entre o dia e a noite portanto há essa frase que é repetida do dia 1. Das aves se fala especificamente como voando sobre a face do firmamento ou da expansão. Então há aí uma conexão.

Dr. Craig: Antes que eu esqueça seus pontos, deixe-me apenas responder brevemente. Você está certíssimo. Uma das funções dos corpos astrais é marcar a diferença entre dia e noite, mas meu ponto é que dia e noite não é um domínio. Não é um espaço que é habitado pelo sol e pela lua embora você esteja certíssimo em que eles têm a função de marcá-lo. De modo semelhante, eu não neguei que você pudesse fazer aqui um paralelo das aves com o firmamento. Minha queixa era mais com as criaturas marinhas.

Aluno: A maneira como eu ouvi isso não é tanto como domínio. É mais como poderia ser domínio mas então a segunda parte é o que está enchendo o domínio. Assim, em outras palavras, o sol, a lua e as estrelas são a causa das luzes; as criaturas marinhas, as aves são as coisas que estão enchendo o céu e os mares.

Dr. Craig: Isso me soa como habitantes e domínio, e eu não vejo que sol, lua e estrelas que causaram a noite e o dia estejam habitando-os. Eles são colocados no firmamento ou na expansão. Eles causam o dia e a noite e o medem.

Aluno: Eu meio que semi-expliquei na semana passada que a minha interpretação do firmamento, do que está se expandindo, é a visão dos céus, então o firmamento é limitado no dia 2. No dia 1, se você tivesse estado lá no dia 1, você não teria sido capaz de ver o que estava causando as luzes porque não havia firmamento naquele ponto.

Dr. Craig: Sim, eu entendo.

Aluno: Então, sim, há dia e noite, mas ainda estamos falando dos céus. De todo modo, em 3 e 6, os animais e o homem de fato vivem na terra seca, e é claro que se diz especificamente que

comem a vegetação, e a vegetação que é mencionada no dia 3 é especificamente para, duas das partes dela, são aquilo que é para a humanidade.

Dr. Craig: Sim. Novamente, minha queixa não era que não haja alguma correlação aqui entre 6 e 3, mas que a correlação é mais naturalmente entre o segundo elemento de 3 e o primeiro elemento de 3. É aí que me parece que você tem domínio e depois o habitante criado. A vegetação, para mim, parece fora de lugar se estamos falando de domínios e das coisas que preenchem o domínio.

A criação funcional de John Walton

Voltemo-nos para a próxima interpretação, que é chamada criação funcional. O estudioso do Antigo Testamento, John Walton, em seu livro *The Lost World of Genesis One* defendeu uma visão que ele chama de criação funcional. Esta visão tem, a partir de anos recentes, penso, se tornado bastante influente. Novamente, o nome do autor é John Walton, e de seus muitos livros *The Lost World of Genesis One* apresenta esse argumento. Walton sustenta que a noção de criação no antigo Oriente Próximo tem sido universalmente mal compreendida pelos estudiosos contemporâneos. Nós entendemos criação como sendo sobre como coisas materiais passam a existir quando, de fato, no mundo antigo tratava-se realmente de especificar as funções que as coisas materiais deveriam desempenhar.

Não se tratava da criação dessas coisas materiais, mas de especificar a função que elas cumpriram. Walton dá a ilustração muito envolvente de um restaurante. Ele diz, quando é que um restaurante começa a existir? Ele diria que não é quando o edifício original foi construído. Aquele edifício poderia originalmente ter sido um armazém, por exemplo, e agora houve alguma renovação urbana e o edifício foi reformado e transformado em um restaurante. O restaurante começa a existir quando aquele edifício começa a funcionar como restaurante – quando obtém uma licença, abre as portas e começa a desempenhar as funções de um restaurante. E dizer que o restaurante começou a existir em, digamos, 2013 não significa que foi então que o edifício foi criado. Ele pode ter estado ali por muito tempo.

Sua afirmação é que Gênesis 1, de modo semelhante, não é sobre Deus trazer à existência a terra, a porção seca, a vegetação, os animais etc. Antes, é sobre ele declarar suas funções na ordem criada em relação à humanidade. Os sete dias são tomados como dias literais consecutivos durante os quais o universo é inaugurado para funcionar como o templo cósmico de Deus no qual ele habitará. O sétimo dia é o clímax dessa inauguração. Quando Deus vem residir em seu templo, não é o fim da obra criativa de Deus pela qual ele traz estas coisas à existência. Antes, é que as funções de tudo agora foram plenamente especificadas, seus funcionários foram instalados para desempenhar essas funções, e assim agora Deus vem residir em seu templo cósmico que é o mundo.

Walton afirma que a interpretação da criação funcional é uma interpretação literal do texto. Ela não é figurativa nem literária. Trata-se de sete dias literais consecutivos de criação. É só que criação não significava o que todos entenderam que significava. Gênesis 1 deve ser interpretado literalmente, mas trata-se inteiramente de criação funcional, de especificar as funções que as coisas devem preencher, e não da criação de coisas materiais.

Criação, funções e causalidade

O que poderia ser dito a título de crítica acerca da interpretação da criação funcional? Antes de tudo, penso que há uma necessidade desesperada de clarificação terminológica concernente a essa visão. Walton traça uma dicotomia muito firme entre o que ele chama de ontologia material e ontologia funcional, ou entre criação material e criação funcional. Infelizmente, essa terminologia em nenhum lugar está clara e cuidadosamente definida, e, como resultado, tende a ser extremamente enganosa e imprecisa. Quando Walton fala sobre criação material, está longe de ficar claro exatamente o que ele entende por isso. Alguém poderia pensar que ele quer dizer simplesmente a passagem à existência de um objeto físico por meio da causalidade de Deus. Deus faz com que o objeto físico passe a existir.

Mas parece que Walton quer dizer mais do que isso por criação material. Ele parece pensar que, se Deus cria um objeto material, ele deve fazê-lo ex nihilo; isto é, a partir do nada. Criação material para Walton parece significar não meramente que o objeto passe a existir naquele ponto mas que ele passe a existir a partir do nada. Parece-me que isso é obviamente equivocado. É um erro de concepção. Por exemplo, a causa eficiente de uma cadeira não precisa criar o material do qual a cadeira é feita. Quando um carpinteiro faz uma cadeira, ele é a causa eficiente da cadeira, mas a madeira é a causa material da cadeira. Agora, a questão não é se Deus cria os vários organismos em Gênesis 1 ex nihilo. Não há razão para fazer tal afirmação. Ao contrário, de fato, Deus diz a respeito das plantas e dos animais “que a terra produza”, etc.

E a criação do homem descrita em Gênesis, capítulo 2, envolve Deus formar o homem do pó da terra. Portanto, não há razão alguma para pensar que a criação em Gênesis tenha de ser criação ex nihilo. Antes, a questão que nos interessa é se Gênesis 1 descreve Deus como a causa eficiente dos objetos descritos, quer ele use material preexistente para fazê-los ou não. Ou Deus meramente especifica as funções de objetos que já estão ali? Vocês veem a pergunta? A pergunta é se Gênesis 1 descreve Deus como trazendo à existência as coisas que são descritas quer ele use material ou não, ou ele meramente especifica as funções para coisas que já existem? Penso que temos de nos guardar aqui contra erguer falsas dicotomias. Só porque um texto fala de Deus especificar a função de um objeto isso não exclui também a causalidade eficiente.

Walton tem de mostrar que o texto de Gênesis 1 está preocupado exclusivamente com criação funcional. Não basta mostrar que a criação funcional está envolvida. Ele tem de mostrar que a causalidade eficiente não entra em cena de modo algum, pois, se Deus é a causa eficiente dos objetos descritos então eles passam a existir quando Deus os cria quer ele os crie ex nihilo ou a partir de matéria existente. Portanto, quando clarificamos a terminologia, penso que vocês podem ver que Walton tem um ônus da prova considerável. Ele precisa mostrar que Gênesis 1 envolve apenas a especificação de funções para coisas que existem e não Deus trazê-las à existência naquele momento.

Perguntas sobre criação do nada e objetos compostos

Alguma pergunta ou comentário sobre essa questão?

Aluno: Esta é uma pergunta em duas partes. A primeira é: Walton nega creatio ex nihilo? E então a segunda parte da pergunta é esta (e isto é apenas um chute aleatório no escuro): você acha que Walton poderia ser algum tipo de niilista mereológico?

Dr. Craig: Vamos pensar primeiro na primeira. Não, ele não nega a criação ex nihilo. É verdade que ele pensa que Gênesis 1:1 é meramente um título-resumo para o capítulo inteiro, assim ele estaria, penso eu, na posição de que Gênesis 1 não ensina a criação ex nihilo. Mas isso não significa que ele a negue. Ele não a nega. Ele simplesmente diria que ela não é ensinada ali. Ora, sua pergunta era: ele é um niilista mereológico?

Aluno: Sim, porque eu poderia imaginá-lo dizendo que as coisas realmente não passam a existir; há apenas esses diferentes arranjos de diferentes partículas e não há passagem à existência como um niilista mereológico poderia pensar.

Dr. Craig: Vamos esclarecer a pergunta. Ele quer saber se John Walton é um niilista mereológico. Tenho certeza de que John Walton nunca ouviu falar disso, mas ele poderia ser um ainda que nunca tivesse ouvido a nomenclatura. Mereologia é o estudo filosófico de partes e todos, como as partes se juntam para formar coisas compostas. Um niilista, como o nome sugere, nega que haja quaisquer objetos compostos; que realmente não haja púlpitos nem pessoas nem planetas nem cadeiras. Estas são simplesmente partículas fundamentais (como quarks ou elétrons) arranjadas à maneira de púlpito, ou de cadeira, ou de planeta, mas tudo o que existe são realmente apenas partículas fundamentais e não há objetos compostos. Agora, não vejo nada em Walton que me levasse a pensar que ele nega que haja objetos compostos.

Penso que ele muito certamente crê que há objetos compostos como os animais, as plantas, o sol, as estrelas. Mas ele simplesmente diria que o que temos em Gênesis não é a descrição da criação deles. Ele está negando que o que temos aqui seja um relato de como eles passaram a existir. Antes, ele pensa que é simplesmente Deus especificando para que servem os animais, para que servem as plantas, que função as estrelas e a lua devem cumprir, e assim por diante. Portanto, não é de modo algum um relato de criação da maneira em que os modernos entendem a palavra “criação.” É apenas uma especificação da função desses diferentes objetos que penso que ele afirmaria serem reais.

Aluno: Ao ler o livro dele, Walton faz uma declaração interessante de que se você perguntasse aos antigos do Oriente Próximo a quem o relato foi escrito, se eles acreditavam que Deus era responsável pela criação material, ele acha que eles teriam dito “sim” mas ele não pensa que o relato ensine isso. O que eu gostaria de lhe perguntar é que, se a Bíblia ensina isso em algum lugar, onde ela ensina isso, se não em Gênesis? Isso é o que eu gostaria de lhe perguntar.

Dr. Craig: Muito bem. Nosso tempo acabou, infelizmente, mas passaremos todo o próximo período na visão de Walton, e assim você terá uma oportunidade de fazer mais perguntas então. Vamos encerrar com uma palavra de oração.

Oração final

Nosso Pai celestial, somos tão gratos por termos tido a oportunidade de nos reunir esta manhã. Para orar, para cantar, para contemplar a tua palavra. Tentar entendê-la da melhor maneira que pudermos. E oramos agora, ao sairmos para a semana de trabalho, que nos ajude a estar prontos para contar a velha, velha história de Jesus e do Seu amor, a viver vidas santas e santificadas para ti e a andar no centro da tua vontade para cada uma de nossas respectivas vidas. Por Cristo, nosso Senhor, oramos. Amém.

Referências

BLOCHER, Henri. In the Beginning: The Opening Chapters of Genesis. InterVarsity Press, 1984. Referência da nota 1 do original.

WALTON, John H. The Lost World of Genesis One. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009. Referência da nota 2 do original.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2019 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 22/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity-part-7/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-criacao-vida-diversidade-biologica-parte-7/>